

CAPÍTULO 2

CLASSES GRAMATICAIS DO TRUMAI

Neste capítulo, serão apresentadas as classes do Trumai e abordadas suas principais características. Nossa proposta de análise dos fatos encontrados na língua baseia-se em Shopen (ed.) - Language Typology and Syntactic Description (1985).

Em seu trabalho, Monod-Becquelin propõe para o Trumai as classes de: **Nomes, Verbos, Adjetivos, Advérbios, Numerais, Pessoais, Pluralizadores, Possessivos, Funcionais** (os marcadores de caso, locativo, instrumental, etc), **Negativos Verbais, Aspectivos Verbais, Modalidade Verbal** (o morfema men) , **Derivacionais, Interrogativos e Atualizador** (o morfema ǰ). Os critérios usados por ela para a identificação das classes foram: a combinabilidade dos elementos; a posição no enunciado; a compatibilidade das classes; o fato de pertencer a um inventário limitado ou ilimitado ; o funcionamento sintático.

Em nossa proposta, adotaremos também estes critérios, acrescentando ainda a divisão entre formas presas e formas livres. Alguns termos empregados por Becquelin (p. ex, "verbos interiores") não serão usados aqui, por serem específicos à teoria por ela adotada.

A divisão de classes obtida em nossa análise é diferente da de Becquelin, pois alguns elementos que ela identifica como sendo

de classes separadas apresentam formalmente características semelhantes, podendo ser considerados como pertencentes a uma classe mais geral (é o caso dos numerais e dos possessivos), ao passo que outros que ela considera como pertencentes a uma mesma classe, apresentam funções diferentes (é o que ocorre com os marcadores de caso e as posposições, que Becquelin denomina funcionais; Schachter (1985) sugere que eles sejam tratados separadamente - cf. posposições, adiante). Assim sendo, apresentamos outra proposta de divisão das classes gramaticais do Trumai:

I. FORMAS LIVRES

A) Classes Abertas:

- a.1.Nome
- a.2.Adjetivo
- a.3.Quantificador
- a.4.Verbo
- a.5.Advérbio

B) Classes Fechadas:

- b.1.Pronome (pessoais)
- b.2.Determinantes:
 - b.2.1.Demonstrativos
 - b.2.2.Numerais
- b.3.Partículas Discursivas
- b.4.Interrogativos

II. FORMAS DEPENDENTES:

a. Formas presas:

- a.1.sufixos marcadores de aspecto/modo
- a.2.posposições
- a.3.sufixos derivacionais
- a.4.sufixos marcadores de caso
- a.5.afixos de posse

b.Clíticos

Os critérios de segmentação dos morfemas foram o de integralidade e o de minimalidade (as unidades mínimas significativas). Para identificação de formas livres ou presas, afixos ou clíticos, usou-se como critérios:

- a possibilidade de movimentação versus posição fixa
- a possibilidade de poder ocorrer isoladamente
- a(s) categoria(s) morfossintática(s) a que o morfema se associa (Sempre a mesma? Associa-se com várias categorias?)
- ter acento independentemente ou apresentar dependência fonológica com relação a outra palavra
- imunidade ou não a processos sintáticos, como a elisão (sobre isso, cf. adiante o clítico -n/-e)
- possibilidade de descrever a distribuição do morfema por meio de princípios simples (é o caso dos afixos e clíticos)
- fenômenos de ordem fonética/fonológica que surgem na fronteira de morfemas

Porém, é importante lembrar que nem sempre é possível estabelecer com certeza se um morfema é livre ou preso (é o caso do morfema **ii**, que será discutido especialmente). Por isso, algumas de nossas conclusões podem estar sujeitas a mudanças.

Observa-se com relação à forma das classes abertas que um mesmo radical pode ocorrer como nome ou como verbo (ou ainda

adjetivo/advérbio) dependendo da sua distribuição, isto é, das construções em que ocorre e dos morfemas com que se combina *1. Este fenômeno é regular e se dá com formas de todas as classes abertas. São as possibilidades combinatórias dos morfemas e as funções por eles desempenhadas que permitem identificá-los como membros de uma ou outra classe, como exemplificado a seguir:

- (15) a. **etlep** "asa" NOME
 b. **etlep-e** "Ele voou" VERBO
 asa 3^a
- (16) a. **atlat pat** "panela pequena" ADJETIVO
 panela pequena
- b. **pat-e** "Ele é pequeno" VERBO
 pequena-3^a
- c. **falti-n pat** ADVÉRBIO
 vergonha-3^a pouco
 "Ele tem um pouco de vergonha"
- d. **pat ka-in [Ø]-ii** QUANTIF.
 pouco ? mc.SN?
 "Tem (há) pouco"

- (17) a. ha **ami** "Eu falo" VERBO
 1ª falar
- b. trumai **ami**-ki NOME
 trumai o falar-OI
 "A língua dos Trumai"

A seguir, teremos a exposição das classes gramaticais desta língua, que serão apresentadas de forma suscinta, merecendo maiores comentários quando isso se fizer necessário.

I. FORMAS LIVRES

A) CLASSES ABERTAS

a.1. NOMES

Os nomes manifestam a categoria de posse (que permite a divisão em sub-classes - cf. afixos de posse), a categoria de número (sg-dual-pl) e a categoria de caso (ergativo-absolutivo-dativo). Há dois critérios básicos que permitem identificar um elemento como nome: sua distribuição (critério sintático) e suas possibilidades combinatórias com determinados morfemas (critério morfológico).

1. sintaticamente, os nomes podem ocorrer como núcleo do SN-sujeito, do SN-objeto ou do sintagma posposicional, recebendo em algumas destas funções os marcadores apropriados

2. quando ocorre como núcleo de SN, o nome pode ser modificado por outros elementos, como os adjetivos, possessivos, numerais e demonstrativos. Ex:

- | | | |
|---------|----------------------|-------------------------|
| (18) a. | taxu aetak | " faca ruim" |
| b. | hai-kte- taxu | "minha faca " |
| c. | mihin dak | "minha perna " |
| d. | kanatl di | "aquela mulher " |

3. não recebem o clítico pronominal **-n/-e** "3ª p"

4. podem receber o sufixo **-ake** "posse de 3ª p - partes do corpo". Ex:

- | | | |
|------|-----------------|------------------------|
| (19) | kuf -ake | "o cabelo dele" |
|------|-----------------|------------------------|

5. podem sofrer derivação por meio de sufixos derivacionais:

- | | | |
|---------|----------------|--|
| (20) a. | ƶap | "pelo" |
| | ƶapke | "peludo (lit:aquele que tem muito pelo)" |
| b. | di -sin | "o adorador de mulher " |

a.2. **ADJETIVOS**

Os adjetivos diferenciam-se das demais classes por algumas propriedades particulares a eles :

1. dentro do SN, podem ocorrer modificando o núcleo nominal
2. podem funcionar como predicado em uma oração; neste caso, diferenciam-se dos verbos descritivos, pois ao contrário destes, não recebem o clítico **-n/-e** "3ª p"
3. ocorrem sempre pospostos ao nome que modificam e podem ser modificados por advérbios de intensidade, o que não se dá com os determinantes, elementos que também modificam nomes
4. não admitem possessivos, isto é, não são possuíveis
5. não recebem os marcadores de caso

- Ex: (21) a. mox "inchado"
 b. **jaw** mox "**pessoa** inchada"
- (22) [Ø]-ii nafa "É curvado"
 mc.SN? curvado
- (23) tʔutʔkax ka-in [Ø]-ii "É liso"
 liso ? mc.SN?
- (24) di eronhen jumane "mulher muito bonita"
 mulher bonita muito
- (25) a. **tore**-ake "o **branco** dele"
 b. hi **ifa** tore "teu **dente** branco"

a.3. QUANTIFICADOR

Como exemplos de quantificadores do Trumai, temos:

aʔdi	"muito (contável)"
pix	"muito (não contável)"
pat	"pouco"
pix-ɬak	"pouquinho"

Os quantificadores ocorrem sintaticamente modificando nomes. Isso poderia nos levar a identificá-los como adjetivos ou como determinantes, que são elementos que também modificam nomes. De fato, os quantificadores têm traços que os aproximam destas classes, mas possuem também características que os distinguem: diferentemente dos adjetivos, os quantificadores ocorrem, dentro do SN, antepostos ao nome que modificam. Essa posição é a mesma dos determinantes, mas os quantificadores distinguem-se deles pelo fato de poderem, em outro contexto, funcionar como advérbio. Podem ainda funcionar como predicado de uma oração. Ou seja, apresentam o mesmo comportamento das formas das classes abertas.

Assim sendo, preferimos identificá-los como formando uma classe à parte, embora com um número de elementos bastante reduzido em relação às demais classes abertas. A seguir, apresentamos exemplos de ocorrência de quantificadores:

(26) aʔdi feʔde-s ha xutsa
 muito onça-OI 1^a ver
 "Eu vi muitas onças" (Bec - pp 213)

(16-b) pat ka-in [Ø]-ii
 pouco ? mc.SN?
 "Tem (há) pouco"

(27) aʔdi ka-in kʔate-i
 muito ? peixe-mc.SN?
 "Tem (há) muito"

(28) piʔx-ʔak jumane ka-in kʔate-i
 pouco muito ? peixe-mc.SN?
 "Tem muito pouco peixe"

a.4. VERBOS

A categoria de Tempo em Trumai não é marcada morfológicamente no verbo, isto é, não há morfemas marcadores de tempo verbal. A noção de tempo é expressa através de advérbios, a nível da oração. Já a categoria de aspecto é morfológica, sendo expressa por sufixos flexionais presos ao SV (cf. aspecto).

Em relação à categoria de pessoa, só a 3^a p. apresenta possibilidade de marcação no verbo, sendo as demais expressas por pronomes independentes (cf. adiante clítico -n; Pronomes).

São características dos verbos:

1. podem receber o clítico **-n/-e** "3ª p"
2. sintaticamente funcionam como predicado
3. podem combinar-se com as partículas de Imperativo e com os morfemas de aspecto. Os verbos intransitivos marcam o Imperativo de modo diferente dos transitivos (cf. Sintaxe)
4. podem combinar-se com sufixos derivacionais, resultando em nomes. Ex:

(29) a. ma	"comer"
ma-t	"alimento"
b. oko	"vigiar"
oko-k	"aquele que vigia"

Quanto aos tipos verbais existentes em Trumai, eles são 4:

a.intransitivos: apresentam apenas um SN, o sujeito. Tendo por base critérios semânticos, os intransitivos podem ser subdivididos em descritivos e ativos

b.intransitivos estendidos *2: além do SN-sujeito, podem apresentar ainda um (ou em alguns casos, dois) objeto(s) indireto(s), marcado(s) por **-s**, **-tl** ou **-ki**. A presença deste objeto é opcional, isto é, ele não é estruturalmente obrigatório (cf. sintaxe)

- INTR.DESC.** (33) a. ha falti
1^a vergonha
 "Eu tenho vergonha"
- b. [Ø]-ii falti-n
mc.SN? vergonha-3^a
 "Ele tem vergonha"
- INTR.EST.** (34) [Ø]-ii fa-n "Ele mata" *3
mc.SN? matar-3^a
- (35) [Ø]-ii fa-n ka-in paje-tl
mc.SN? matar-3^a ? pagé-OI
 "Ele matou o pagé"
- (36) di wan detne uylyre-s kiki paine-s
mul pl distr sopa-OI homem colet-OI
 "As mulheres distribuem sopa aos homens"
 (Bec - pp 213)
- TRANS. NÃO MARCADO**
- (37) fapti fatla-n
orelha furar-3^a
 "Ele furou a orelha"
- TRANS.** (38) Yaka-k atlat mapa
Yaka-erg panela quebrar
 "A Yaka quebrou a panela"
- TRANS.EST** (39) kiki-k k?ate kiti hai-tl
homem-erg peixe dar 1^a-OI
 "O homem deu peixe para mim"

a.5. ADVÉRBIOS

Os advérbios podem ser identificados por algumas características:

1. podem modificar verbos, adjetivos e advérbios
2. não podem ser modificados por elementos de outras classes, apenas por outros advérbios. Por ex. **níjits** "hoje" pode ser associado a **ukan** "ainda" ; **manlo** "há tempos atrás" pode ser modificado por **de** "já" *4.
3. têm movimento livre. Em Trumai, a ordem dos elementos dentro dos sintagmas é fixa ; já a ordem dos sintagmas dentro da oração é relativamente livre (cf. ordem-sintaxe), pois a marcação de caso permite que se identifique os elementos sintáticos (sujeito, verbo, objeto, etc). Os advérbios não apresentam nenhum tipo de marcador, mas ainda assim têm mobilidade de posição, tal como ocorre em outras línguas do mundo.

Os advérbios do Trumai podem ser de modo, tempo, intensidade e lugar. A seguir, alguns exemplos:

a) **modo**: kale "assim" ; aetak "mal" ; detʔa "bem"

b) **tempo**: kaʔnefaj "ontem"

níjits "hoje/agora" ; xodaka "amanhã"

c) **intensidade:**

jumane "muito" - Tende a ficar depois do elemento que modifica. Ex:

(28) p̄ix-ṭak jumane ka-in [kʔate]-i
pouco muito ? peixe-mc.SN?
 "Tem (há) muito pouco peixe"

(40) ha tlat jumane ka-in
1ª rir muito ?
 "Eu ri muito"

d) **lugar:** ni "aqui" ; niki "aqui" ; niʔka "aqui"
 nina "ali" ; kaale "lá" ; kaina "lá"

e) **negação:** hahak/nahak "não" ; ṭak "não"

1. hahak / nahak "não" - negação independente

Este advérbio de negação pode combinar-se com os advérbios

de "já" e ukan "ainda":

(41) a. hahak de "acabou"
 b. hahak ukan "ainda não"
 c. hahak de ukan "ainda não acabou"

É possível encontrar **hahak** negando aparentemente nomes. Mas, na verdade, o que se tem nestes casos é a negação de uma sentença, ou seja, o nome não está na mesma oração de **hahak**, o

que se observa pela pausa que é feita. Ex:

(42) faxlo, hahak "filho, não tem"

2. ɬak "não" - nega o SV (V ; V + V ; V-asp); pode negar também os quantificadores. Segundo Becquelin, pode haver negações elípticas com um nome + ɬak; por ex, mut ɬak "sem roupa". Mas aqui, provavelmente, **mut** significa "estar com roupa", pois a negação de nomes é feita por outros elementos *6. A seguir, exemplos com ɬak:

(43) ha sa ɬak "Eu não danço"
 1^a dançar neg

(44) ha xuʔtsa-tke ɬak "Eu não quero ver"
 1^a ver desid neg

(45) piɬ "Muito"
 piɬ-ɬak "Pouco"

B) CLASSES FECHADAS

b.1. PRONOMES

O sistema pronominal do Trumai inclui uma série de pronomes independentes e um clítico pronominal de 3^a pessoa; este último

será tratado na seção das formas presas.

Os pronomes do Trumai são livres, pois observa-se que eles podem ocorrer distante do verbo:

(46) xuʔtsa-tke ʔak ka-in ha ʃi
 ver **vol** **neg** ? 1^a ?
 "Eu não quero ver"

O sistema de pronomes independentes manifesta distinção de pessoa (1^a, 2^a, 3^a) e de número (sg-dual-plural); no âmbito da 1^a p.pl. há a distinção inclusivo e exclusivo; no âmbito da 3^a p, há distinção de gênero. O quadro pronominal do Trumai é o seguinte:

1 ^a p sg	hai / ha
2 ^a p sg	hi
3 ^a p sg	hine (masc "ele")
	hinatl (fem "ela")
3 ^a p dual	∅ a
1 ^a p dual-excl	ha-a
1 ^a p dual-incl	ka-a
1 ^a p pl coletivo-excl	ha-wan
1 ^a p pl coletivo-incl	ka-wan
2 ^a p dual	hi-a
2 ^a p pl coletivo	hi-wan
3 ^a p pl coletivo	hine-wan ("eles")
	hinak-wan ("eles/elas")
3 ^a p pl	∅ wan

Como se pode observar, os morfemas **a** "dual", e **wan** "plural" podem ser empregados também para representar a 3^a p. dual e 3^a p. pl, respectivamente. Essa construção ocorre quando é empregado o sufixo verbal de 3^a p. -n/-e, que ocorre quando não há formas

lexicais ou pronomes na posição de sujeito de oração intransitiva ou objeto de transitiva. O que parece ocorrer, então, é uma combinação destes morfemas com um \emptyset lexical, que se daria nestas posições.

Os pronomes do Trumai têm distribuição sintática similar à dos nomes, apresentando como eles as categorias de número e caso; isso permitiria considerar os pronomes como uma subclasse dos nomes. Porém, preferimos não fazê-lo, porque além de constituírem uma classe fechada, os pronomes não sofrem todos os fenômenos sintáticos que ocorrem com os nomes. Por exemplo, dentro do SN, o pronome não pode ser modificado por adjetivos ou determinantes.

Há uma particularidade para a 1ª p. sg, que apresenta duas formas: **hai**, que é o pronome tônico e é também a forma que ocorre com os marcadores (sufixos de caso, posposições), e **ha**, que ocorre nas demais posições *7. Ex:

(47) kasoro make hai-tl
cachorro morder 1ª-OI
 "O cachorro me mordeu"

(48) hai-ts sida țararaw
1ª-erg papel rasgar
 "Eu rasguei o papel"

(49) ha wal
1ª cantar
 "Eu canto"

Constata-se ainda um outro tipo de variação com os pronomes: na verdade, para cada forma pronominal há atualmente duas variantes possíveis: com **h** inicial e sem o mesmo, ou seja, ha-wan ou a-wan, hai/ha ou ai/a, hi ou i, etc.

As duas variantes são aceitáveis e se alternam no uso pelos falantes, isto é, o falante ora diz ha-wan, ora a-wan, sendo que as formas com **h** são mais frequentes na fala dos idosos; os mais jovens parecem usá-las bem menos.

Dois hipóteses foram levantadas para se entender tal fato: ou seria um caso de aspiração em posição inicial (pois **h** ocorre muito poucas vezes dentro de enunciados), ou a língua paulatinamente estaria perdendo o **h** na posição inicial dos pronomes (aliás, o mesmo parece estar se dando com alguns numerais: huftahme - uftahme "três" ; huuf - uuf "dois").

Destas duas hipóteses, a que parece ser a mais provável é a segunda. Um dos informantes, homem de meia idade que ao ensinar a língua procura sempre usar as formas com h, foi indagado sobre esta variação. Conta ele que primeiramente aprendeu a falar a língua usando o **h** inicial; com o tempo, como ouvia os demais falando sem o **h**, passou também a fazer isso algumas vezes. Portanto, parece que a língua está apresentando uma perda da fricativa glotal em posição inicial de pronome.

Com relação à representação fonológica, optou-se pela forma com **h**, primeiramente, por ser ela a mais antiga. Em segundo lugar, porque os informantes, ao "listarem" os pronomes da língua, usam a fricativa glotal no início das palavras. Por fim, porque ela é ainda usada pelos mais velhos, cujo modo de falar é considerado pelas pessoas da comunidade como "melhor" e "mais bonito", ou seja, tem um certo caráter de "língua culta". E as formas pronominais com **h** parecem realmente ocorrer com mais frequência em uma fala mais cuidadosa. É possível que, futuramente, a fricativa glotal na posição inicial dos pronomes venha a desaparecer totalmente; ou não, isto é, pode ser que seja uma mera variação linguística. Seja como for, a queda do **h** já esta tendo algumas implicações na língua, gerando ambiguidades. Por exemplo, as orações:

(50) kasoro make a hi-tl?

cão morder inter. 2ª-OI

"O cachorro mordeu você?"

(47) kasoro make hai-tl

cão morder 1ª-OI

"O cachorro me mordeu"

com a queda de **h** ficam foneticamente iguais: [kaso'roma'kɛa'i+tʰ]; nesse caso, só a fala mais lenta é que permitirá desfazer a ambiguidade, com pausa maior entre **a** e **itl** na primeira oração, e entre **make** e **aitl** na segunda.

o clítico **-n/-e** (**-n** com verbos terminados em vogais, **-e** com as formas verbais terminadas em consoante). São possíveis as seguintes construções:

[Ø]-(ii)	V + -n/-e	(3ª sg)
[Ø a]	V + -n/-e	(3ª dual) *10
[Ø wan]-(ii)	V + -n/-e	(3ª plural)

Ex: (52)

a. [Ø]	xuʔtsa-n	"(ele) vê"
b. [Ø]-ii	xuʔtsa-n	"ele vê"
c. [Ø a]	xuʔtsa-n	"eles dois estão vendo"
d. [Ø wan]	xuʔtsa-n	"eles estão vendo"

Monod-Becquelin trata o clítico **-n/-e** como um sufixo que "marca de ausência de monema em função sujeito", dizendo que se trata de uma ausência do ponto de vista gramatical (isto é, ausência de uma "forma" de sujeito), mas não do ponto de vista semântico *11. O que Becquelin deve estar querendo dizer é que quando este morfema é empregado, não pode ocorrer pronome pessoal ou SN nominal na posição de sujeito intransitivo (ou na posição de objeto transitivo, pois como veremos na sintaxe, o clítico -n, nas orações transitivas, refere-se ao objeto). Mas, mesmo que não ocorra uma forma lexical nas posições citadas, ainda assim continua havendo uma marca de sujeito/objeto pois o clítico **-n/-e** é uma forma pronominal de 3ª pessoa, tanto que contrasta com as

1^a e 2^a pessoas:

- (53) a. ha tsula "Eu deito"
 b. hi tsula "Você deita"
 c. [Ø] tsula-n "Ele/ela deita"
 d. [Ø]-ii tsula-n "Ele deita"
- (54) a. hai-ts [Ø]-ii disi-n "Eu o matei" *3
 1^a-erg mc.SN? matar-3^a
- b. ni?de-k ʃi-in ha disi "Esse bateu em mim"
 esse-erg ? 1^a bater

Este contraste é regular, isto é, ocorre com todos os tipos verbais existentes, diferenciando sempre a 3^a pessoa (singular ou plural) das demais.

O morfema **-n/-e** não é realmente compatível com pronomes e SN nominal; com isto, poder-se-ia dizer que sua presença exige que ocorra um Ø na posição de sujeito intransitivo/objeto transitivo. Mas acreditamos que seja o inverso: ele só é empregado quando ocorre um Ø lexical, devido a um apagamento; nesse caso, **-n/-e** estaria recuperando o sujeito/objeto de 3^a pessoa elidido. Os exemplos a seguir ilustram o que foi dito:

- (55) a. hine axaʔtsi "Ele sentou"
 b. *hine axaʔtsi-n
- (56) a. kiki axaʔtsi "O homem sentou"
 b. *kiki axaʔtsi-n
- (57) a. pítik lakʃetsi "O macaco está descendo"
 b. *pítik lakʃetsi-n

(58) kiki-i tsula ʃi-in [Ø]-ii otl-e axak
homem deitar ? mc.SN? dormir-3ª para
 "O homem deitou para dormir"

Só é possível sua ocorrência com pronomes ou nomes se eles estiverem topicalizados:

(59) Sandra []-ii falti-n
 "A Sandra, ela está com vergonha"

(60) hinatl []-ii falti-n
 "Ela (indicando), ela está com vergonha"

Quanto aos pronomes de 3ª pessoa (hine, hinatl, etc), eles apresentam uso limitado na função de sujeito dos verbos intransitivos/objeto dos transitivos. Porém, na função de sujeito dos verbos transitivos, de objeto indireto dos intransitivos estendidos, ou ainda em sintagmas posposicionais, somente eles ocorrem, recebendo o marcador de objeto. Esses pontos serão tratados com mais detalhes no capítulo sobre a sintaxe da língua Trumai.

Por fim, resta dizer que a mesma série de pronomes independentes pode ser empregada também nas construções genitivas, ocorrendo sempre antepostos ao elemento possuído. O mesmo pode se dar com os demonstrativos. Ex:

(61) a.ha xop	"minha boca "
b.hi xop	"tua boca "
c.ni?de xop	" boca dele(lit: boca deste)"
d.hi-a atle	" mãe de vocês dois"
e.ni?dak-wan atle	" mãe deles(lit:mãe daqueles)"

b.2. DETERMINANTES

Chamamos de determinantes os elementos que modificam nomes. Todos têm em comum a característica de ocorrerem antepostos ao nome que modificam. Nesse ponto, diferenciam-se dos adjetivos, que ocorrem pospostos. Outra diferença é que os adjetivos podem ser modificados por advérbios de intensidade, ao passo que os determinantes não (pela própria questão da compatibilidade semântica). Por fim, há o fato deles formarem uma classe fechada, e não aberta como os adjetivos. Os determinantes subdividem-se em: possessivos (é a mesma série dos pronomes pessoais - cf. ex (61)), numerais e demonstrativos.

b.2.1. DEMONSTRATIVOS

Similarmente ao que ocorre com os pronomes, os demonstrativos do Trumai apresentam distinção de número *12 e de gênero:

ni?de	"este"	ni?datl	"esta"
ni?dak-wan	"estes (as) "		
ka?ne	"aquele"	ka?natl	"aquela"
ka?nak-wan	"aqueles (as) "		

Além de modificar nomes, os demonstrativos do Trumai podem ocupar, sozinhos, as mesmas posições que os nomes, isto é, as de sujeito e objeto, recebendo os marcadores apropriados (não temos dados de demonstrativos combinados com posposições, mas é de se pensar que isto ocorra). No entanto, a exemplo do que se passou com os pronomes, preferimos não considerar os demonstrativos como incluídos na classe dos nomes, porque seu comportamento não é totalmente o mesmo. Um demonstrativo não pode ser modificado, dentro de um SN, por um adjetivo; parece-nos também que não é possível que um demonstrativo seja modificado por um numeral ou possessivo.

A ocorrência dos demonstrativos em posições similares às dos nomes se deve ao fato de os demonstrativos terem uma natureza dêitica. Segundo Anderson & Keenan (1985, pp 261) ,

"...demonstrative pronouns (such as English **this, that, these, and those**) as well as full NPs which are specified by demonstrative adjectives (with or without additional locative deictic specification, as for example **this card, or those men over there**) are clearly enough deictics ...".

Os elementos **ni?de, ka?ne**, etc, podem ser considerados dêiticos porque sua interpretação, assim como a dos pronomes, faz referência a certas propriedades do contexto extralinguístico do enunciado onde eles ocorrem: isto é, para serem interpretados, é necessário que se tenha informações sobre o contexto

extralinguístico, para se saber a quem ou a que o demonstrativo faz referência.

Assim sendo, dado que os demonstrativos **kaʔnatl**, **niʔde**, etc, são dêiticos tanto quanto os pronomes **hine**, **hinatl**, eles podem ocupar funções sintáticas iguais às destes elementos *13.

A seguir, exemplos de ocorrência de demonstrativos:

(62) kaʔnatl **di** "aquela **mulher**"

(63) [niʔde tlep]-i ka-in piʔx-ʔak
esse pena-mc.SN? ? **pequeno**
 "Esta pena é pequena"

(64) kaʔne fa kain feʔde-s
aquele matar ? onça-OI
 "Ele (aquele) matou a onça"

(65) kaʔnatl-etl waki kití "dá para aquela"
aquela-OI ordem dar

Além do uso dos demonstrativos, é possível também fazer referência a um elemento, quanto ao seu posicionamento em relação ao falante, através do emprego de alguns advérbios de lugar. Mas, neste caso, o nome e o advérbio não estão no mesmo sintagma. Trata-se, na verdade, não de um SN, mas de uma oração (sobre tipos oracionais, cf. sintaxe):

(66) niʔka [ole]-i

aqui mandioca-mc.SN?

"Esta mandioca aqui (lit: a mandioca está aqui)"

(67) kaina huj-ʔak [ole]-i

lá longe mandioca-mc.SN?

"Aquela mandioca lá (lit: a mandioca está lá longe)"

b.2.2. NUMERAIS

Os numerais modificam os nomes, ocorrendo antepostos a eles.

Os numerais em Trumai são os seguintes:

mihin	"um"
huuf	"dois"
huftahme	"três"
nekadkelan ou hinekadkelan	"quatro"
mihin kadkelan um (kad "mão" - kel "dedo")	"cinco"

Observa-se que os numerais quatro e cinco incluem claramente os elementos mão e dedo, semelhante ao que fazem os sistemas numéricos de outras línguas indígenas americanas.

Dentro de um mesmo sintagma, os numerais parecem ser incompatíveis com os morfemas pluralizadores (**wan ; a ; paine**), pois nunca é atestada a ocorrência de ambos os elementos; isto é,

quando se emprega **paine**, **wan** ou **a**, os numerais não são usados, talvez porque os morfemas pluralizadores, com exceção do dual, expressem quantidades não contáveis. E, mesmo no caso do dual, o uso do numeral não é necessário, porque seria redundante.

Já em orações, os morfemas pluralizadores e os numerais podem co-ocorrer, porém estão em sintagmas diferentes. A seguir, exemplos:

(68) [Ø]-ii fa-n ka-in [huuf karakarako]-s
 mc.SN? matar-3^a ? dois galinha-OI
 "Ele matou duas galinhas"

(69) huuf ka-in [topetne a]-i
 dois ? jacaré dual-mc.SN?
 "Tem (há) dois jacarés (lit: Os jacarés são dois)"

b.3. **PARTÍCULAS DISCURSIVAS**

Estas partículas, quando empregadas, provocam uma diferença no sentido da oração. A interpretação delas é difícil, porque elas estão ligadas a questões discursivas. Serão necessárias muitas informações e conhecimentos sobre a língua em estudo para que se possa interpretá-las adequadamente e compreender todo o seu funcionamento. Como ainda não foi possível estabelecer com precisão o sentido que estas partículas conferem à oração, iremos nos limitar a apresentá-las e a levantar algumas de suas

características, sem no entanto fornecer uma definição mais exata delas.

b.3.1. O modalizador Men:

Esta partícula, que Becquelin denomina "modalidade verbal", mais que modalizar o verbo, modaliza toda a oração. Parece ser discursiva, pois representa um certo ponto de vista do falante. Pode ser interpretada como "frustrativo", porque não se pode interferir no fato narrado (o que provocaria uma "frustração" ou "indiferença" por parte do locutor na ação narrada), ou porque não se conseguiu obter o que se pretendia (ação sem sucesso). Ex:

(70) avião peš pata men

avião correr chegar frustr

"O avião chegou (e isso não me interessa)" (Bec - pp 180)

(71) ha kaʃi-tke men

1ª vir vol frustr

"Eu queria vir (mas não consegui)"

b.3.2. O morfema Kain

Este morfema tem uma ocorrência extremamente frequente. É um morfema gramatical, não lexical; em muitos casos, é pela sua presença que se diferencia um SN de uma oração:

Segundo o informante, as orações (b) e (c) do exemplo (79) têm o mesmo sentido, podendo-se usar tanto uma como outra; elas teriam uma pequena diferença em relação a (a), mas o informante não soube dizer que tipo de diferença ele notava. É interessante observar que em muitos dados, a informante emprega **kain**, e logo em seguida, ao repetir o mesmo dado, usa **ka** (às vezes ocorre o contrário). Ex:

- (80) a. [deat]-i kain aetak
 b. [deat]-i ka aetak
 fruta-mc.SN? **ruim/estragada**
 "A fruta está estragada"

Isso demonstra que estes elementos devem ter o mesmo significado, podendo assim alternar-se. Para nós é difícil ainda interpretar estes fatos, mas observa-se que a ocorrência apenas de **ka** ou de **in** é bastante grande. Nas interrogativas observa-se um emprego muito grande de **in**; Becquelin postula que os interrogativos são constituídos de morfemas descontínuos: han...in ; tsifan...in , etc. Talvez seja o caso não de um morfema descontínuo, mas da combinação de dois morfemas, pois é possível também a combinação **ji + in** (esta geralmente ocorrendo em orações que relatam fatos realizados no passado), além da combinação de **ka-in** com advérbios. Ex:

(81) p̄ix f̄i-in ha ami

muito ? 1ª falar

"Eu falei muito"

(82) [di]-ii ami f̄i-in

mulher-mcSN? falar ?

"A mulher falou"

(83) ha oxa matsi ka de in

1ª gravidez dor já

"Eu estou com dor para ter filho"

A questão é saber qual o status de **in** nestas orações e até que ponto faz diferença ou não empregá-lo. Como nos parece que **kain** é formado por dois morfemas, representaremos este elemento por **ka-in**.

b.3.3. O morfema f̄i

Becquelin, em seu trabalho, primeiramente trata da ocorrência do morfema f̄i em combinação com ke (que ela denomina de "adjetivador") e kain. Segundo ela, quando esta combinação ocorre, está sendo indicada uma ação atual, particularizada, cuja principal característica é estar sob os olhos ("...šy-ke...kain représente un seul choix, celui de la réalité particulière, que l'on a sous les yeux, par rapport à celui de vérité générale" - Bec - pp 158). Contrastaria, então, com as demais, que são de uma verdade mais geral:

"L'énoncé est alors marqué comme "actuel" par rapport à l'énoncé courant, de caractère plus général" (Becquelin - pp 170).

Como exemplos, ela apresenta:

(84) a. pytyk ora

macaco gritar

"O macaco grita" (habitualmente)

b. pytyk šy kain ora-ke

macaco ? gritar-adj?

"O macaco "atualmente, que se faz ver" grita"

Por fim, ela considera que a sequência ʃi-ke pode ser um "monema descontínuo" e que -ke deixa o verbo adjetivado; seria uma derivação adjetival ligada à presença do atualizador.

A partir daí, Becquelin passa a denominar o morfema ʃi de "atualizador". Em uma pequena seção sobre este morfema, diz Becquelin que sua função é a de substituir o predicado, e que ʃi forma por si uma classe, tendo o mesmo papel que os verbos, embora não se combine com os morfemas aspectuais ou com os derivativos verbais/nominais.

Gostaríamos de comentar essa análise de Becquelin. Em relação à combinação ʃi-ke, não acreditamos que eles formem um morfema descontínuo, mas que -ke co-ocorre com ʃi. O problema é

que nem sempre estes dois morfemas ocorrem juntos: há orações só com fɿ, outras só com -ke. Ex:

(85) ataxa ʈak ka-in ha fɿ

forte neg ? 1^a

"Eu sou fraco"

(86) hi otl a fɿ ?

2^a dormir int

"Você dormiu?"

(58) [kiki]-i tsula fɿ-in [Ø]-ii otl-e axak

homem-mc.SN? deitar ? mc.SN? dormir-3^a para

"O homem deitou para dormir"

(87) ha-wan ka-in axaʔtsi-ke

1^a pl ? deitar-adj?

"Nós estamos deitados"

(88) [axos]-i ka-in ain-ke

criança-mc.SN? ? brincar-adj?

"A criança está brincando"

Mais problemático que isso é a interpretação de fɿ como "atualizador", isto é, o elemento que indica que o fato se passa sob os olhos. Considerem-se os dados:

(89) hanis de hi fɿ ?

onde já 2^a

"Aonde você vai?"

(90) te-tam in hi ʃi ?

quem com 2ª

"Com quem você vai?"

(5) fa-ke anuk šy-n iaw-as

matar-adj? neg 3ª gente-OI

"Ele nunca matou gente" (Bec - pp 179)

Pode-se dizer que tais fatos estão sob os olhos do locutor ou do interlocutor? No exemplo (90), tem-se uma ação potencial, que pode nem vir a se concretizar (isto é, pode ser que a pessoa não vá). No caso do exemplo (5), não se tem nem mesmo como provar a veracidade da afirmação que é feita, quando mais dizer que ela se "realiza atualmente". Pode-se pensar que o emprego de ʃi-ke indique não que o falante relata o fato porque está vendo-o realmente, mas porque acredita que ele seja (ou vá ser, depois de realizado) verdadeiro. Mas, caso seja esse o sentido provocado (o que é apenas uma hipótese), não nos parece que a designação de atualizador para ʃi seja a mais apropriada.

Outro problema encontrado é quanto à mudança provocada por -ke: não o interpretamos como um adjetivador, mas um nominalizador (porque o seu sentido mais exato parece ser o de passar nome a "nome-abundancial" - cf. sufixos derivacionais).

O fato do verbo ficar nominalizado (ou adjetivado, segundo a análise de Becquelin) não é problemático, já que o Trumai tem orações com predicado não verbal (cf. sintaxe); porém como

explicar no exemplo (5) que apareça o clítico pronominal -n, que não ocorre com orações desse tipo? Ou ainda, como explicar a presença de um objeto indireto (iaw-as)?

Quando se apresentou aos informantes os exemplos fornecidos por Becquelin, indagando se havia diferenças de sentido entre as orações com ʃi e sem este morfema, os informantes confirmaram a diferença, mas disseram que não se trata da questão de se estar vendo o fato que é narrado. A explicação intuitiva que dão para a diferença entre piti:k ora e piti:k ʃi kain ora-ke é que no caso da primeira oração "se está falando (sobre o fato)", na segunda "se está contando"; isto é, no primeiro caso, apenas se fala que o macaco está gritando, enquanto que no segundo se está contando para alguém o fato. Por exemplo, se alguém pergunta "O que é isso?", como resposta se terá: "É o macaco que está gritando".

Portanto, ʃi provoca realmente mudança no sentido da oração quanto ao valor da informação, tanto nos casos em que ele co-ocorre com -ke, como naqueles em que ocorre sozinho. É importante lembrar ainda que ele pode combinar-se com in.

No entanto, não sabemos ainda dizer qual é a mudança provocada por este morfema. Pode até ser que ele indique realmente, como diz Becquelin, uma realidade particularizada, entre outras mais gerais, mas não que ela seja atual, sob os olhos.

Também não fica muito claro porque Becquelin considera f̣i como predicado da oração. Em seu trabalho, na seção sobre os "monemas adjetivais", diz Becquelin que:

"...l'actualisateur "šy" est formellement le prédicat, mais c'est en somme l'union des deux éléments qui possède la fonction prédicative que l'un sans l'autre ne peut remplir. Nouns appellerons cette fonction "prédication partielle"." (Bec-pp 171)

Parece que Becquelin está pensando na ocorrência de f̣i nas orações em que o predicado é um adjetivo (provavelmente pela co-ocorrência de -ke, que ela considera como "adjetivador"). Porém, como ficaria sua análise para as orações em que não ocorre -ke e onde o predicado é verbal? Esse é caso do exemplo (86) , onde há um verbo que é o predicado: otl "dormir". E mesmo no caso da combinação Verbo + -ke, como no exemplo (5), o que leva Becquelin a dizer que f̣i é o predicado formal?

Infelizmente sua análise não é muito clara, não apresentando outras explicações ou argumentos além dos citados. Não temos também maiores esclarecimentos a oferecer sobre o funcionamento do morfema f̣i; colocamos aqui apenas a dificuldade em analisá-lo, Certamente vão ser necessários novos dados e informações para que se possa compreender o papel de f̣i.

b.4. OS INTERROGATIVOS

Preferimos agrupar todos os elementos interrogativos em uma mesma classe, já que desempenham a mesma função.

Existe em Trumai um morfema empregado para tornar a oração interrogativa; trata-se de a. Ex:

(91) ni a de hi jĩ ? "Você está aí?"

aí int asp 2^a ?

(92) hi lafku a ? "Você nada?"

2^a nadar int

Becquelin considera este elemento um "infixo enclítico" ("un infixe **-a**, enclitique"), embora não diga a que elemento da oração ele pode se prender. Não concordamos com sua análise, pois este morfema não tem ordem fixa, podendo ocorrer em diversas posições, exceto na inicial, onde nunca é encontrado. Como exemplos, teríamos as orações acima citadas e as seguintes:

(93) hi fa-tke a hai-tl ?

2^a matar vol int 1^a-OI

"Você está querendo me matar?"

(94) hai-tl hatke a hi di ?

1^a-OI adv fut int 2^a casar/tornar esposa

"Você vai casar comigo?"

Quanto às outras formas interrogativas do Trumai, são as seguintes:

te	"quem"	han	"o que"
hele	"o que"	tsifan	"o que"
hamata	"onde"	hamun	"onde"
tuk	"quanto"		

Para Becquelin, os interrogativos do Trumai seriam "monemas descontínuos", formados a partir de raízes simples (as formas acima citadas) acompanhadas de diversos sufixos. De fato, observa-se que as formas simples combinam-se com outros elementos: o advérbio **de**, as posposições, os marcadores de caso. Porém, estes morfemas pertencem a outras classes da língua, não sendo elementos específicos da interrogação. A combinação mais encontrada é com o elemento **in**, mas este igualmente não é específico da interrogação, porque se combina com outros morfemas (**ka-in** , **ʃi-in**). Consideramos, então, que os interrogativos não são descontínuos, mas que podem co-ocorrer com outros elementos da língua, o que permite uma grande variação de orações interrogativas:

te i in ?	"Quem?"
te-tam ?	"Com quem?"
han-ki in ?	"O que é isso?"
han de in ?	"Onde?"
hamata in ?	"Em que lugar?"
hamuna in ?	"Onde?"
hamu(n)-lots in ?	"De onde?"
han-is in ?	"Onde?"
tsifan-is ?	"O que (objeto)?"

tsifan i in ?	"Que foi?"
hele ?	"Como?"
hele in ?	"O que?"
hele-tis ?	"Quando?"
tuk in ?	"Quanto?"

- (97) hele in hi tak ?
como ? 2ª nome
 "Como é seu nome?"
- (98) tuk in [Ø]-ii api-n ?
quanto ? mc.SN? pegar-3ª
 "Quanto ele está pegando?"
- (99) hamuna in [ole]-i ?
onde ? mandioca-mc.SN?
 "Onde está a mandioca?"
- (100) [te]-i in kaʔfi-ke ?
quem-mc.SN? ? vir-adj?
 "Quem está vindo?"
- (101) [han]-ii-ki in [Ø]-ii xup-e ?
que-mc.SN?-OI ? mc.SN? saber 3ª
 "O que é que ele sabe?"
- (102) tsifan-is fi-in axos ma ?
o que-OI ? criança comer
 "O que o menino comeu?"
- (103) hele in-iets Matawai wakaʔfi ?
que-por causa de Matawai ir embora
 "Por que o Matawai foi embora?"

Como se pode observar, a interrogação em Trumai é bastante complexa, inclusive porque em alguns casos há mais de uma forma para se obter o mesmo tipo de informação (é o caso de "o que" e "onde"). Na verdade, serão necessários maiores estudos sobre estes elementos, para que se possa compreender melhor como se dá a interrogação nesta língua.

II. FORMAS DEPENDENTES

a. FORMAS PRESAS

a.1. SUFIXOS MARCADORES DE ASPECTO/MODO

Antes de falarmos dos morfemas de aspecto, gostaríamos de abordar um pouco a questão de como a dimensão temporal é expressa em Trumai.

Um evento pode ser localizado no tempo em relação a um locus temporal. Segundo Chung & Timberlake (1985), o locus pode ser em princípio qualquer ponto na dimensão temporal, mas os sistemas linguísticos, em geral, definem o locus como o momento da fala.

O evento pode ser anterior ao locus temporal, ser simultâneo a ele, ou posterior. Estas distinções definem o passado, o presente e o futuro, respectivamente.

O Tempo, em Trumai, não é expresso por afixos nos verbos, mas por advérbios. Das distinções realizadas, observa-se que a distinção entre passado e presente não é obrigatória, nem ocorre

tanto quanto a distinção que é feita em relação ao futuro. Ou seja, das distinções temporais que podem ser feitas, a que parece ser privilegiada pela língua é entre fatos ainda por ocorrer, isto é, posteriores ao locus temporal, e os demais, talvez porque estes são efetivados (realizam-se no momento ou já se deram antes) ao passo que os futuros são apenas potenciais.

Para os fatos que ocorrem no tempo presente, não há qualquer marcador; pode-se usar, então, um advérbio para melhor localizar temporalmente a oração (p.ex, niʃiʔts "hoje/agora").

O mesmo se dá com o tempo passado: pode-se expressar fatos ocorridos no passado sem nenhuma marca especial na oração; porém isto cria dificuldades para diferenciá-las das que exprimem fatos do presente. Ex:

- | | |
|--------------------------|---------------------|
| (104) a. "O homem senta" | Kiki axaʔtsi |
| | homem sentar |
| b. "O homem sentou" | Kiki axaʔtsi |

Para se expressar de fato que a ação já ocorreu, pode-se usar os advérbios de tempo (p.ex, kaʔneʃaj "ontem-anteontem") e principalmente, o advérbio **kaksu**, que tem sentido de passado.

Para o futuro, pode-se usar o advérbio **hatke**, que têm sentido de futuro e um emprego muito maior que **kaksu**, pois os falantes tendem a empregá-lo sempre que expressam ações futuras;

já **kaksu** não ocorre com tanta frequência. A seguir, exemplos de ocorrência desses dois advérbios:

(105) ha huma kaksu

1^a banhar pass

"Eu me banhei"

(106) ofa-n kaksu hinatl-etl

matar-3^a pass 3^a-OI

"Ele a matou"

(107) sa ʔak ka-in ha hatke

danc neg ? 1^a fut

"Eu não vou dançar"

(108) hai-ts hatke hi katnon-ka

1^a-caus fut 2^a trabalhar-fac

"Eu vou fazer você trabalhar"

Estes dois morfemas representaram um pequeno problema de interpretação: inicialmente, pensamos que eles fossem partículas, dado que sua ordem é livre. Mas, por outro lado, eles se assemelham aos advérbios, justamente por sua mobilidade e por sua possibilidade de combinar-se com outros advérbios (os advérbios são modificados por outro advérbios). Ex:

(109) manlo ha-wan-ek kaksu ʔararaw

tempos atrás 1^a-pl-erg pass rasgar

"Nós rasgamos"

- (110) [axos-pa wan]-i lafku hatke de
cr col pl-mc.SN? nadar futuro asp
 "As crianças (já) vão nadar"

Além disso, observou-se que a idéia de "futuro" pode ser expressa também por meio de outros advérbios ou da combinação destes com o verbo **kawa** "ir". Ex:

- (111) "Nós estamos cantando" ha-wan wal ka-in
1ª pl cantar ?
- (112) "Nós vamos cantar" ha-wan wal ukan
1ª pl cantar ainda
- (113) "Eu vou dormir" ha otl kawa ukan
1ª dormir ir ainda
- (114) "Eu (já) vou dormir" ha otl kawa de
1ª dormir ir já

Assim, dado que estes elementos têm comportamentos muito semelhantes, interpretamos **kaksu** e **hatke** como sendo advérbios de tempo. Nesse sentido, divergimos da análise de Becquelin, que incluiu **hatke** entre os aspectuais, porque ele indicaria uma "ação eventual ou com sentido de futuro". Realmente, ele pode indicar uma ação potencial, já que o próprio tempo futuro tem essa característica. Porém, preferimos tratar **hatke** como advérbio de

tempo, já que este parece ser o seu emprego mais geral, além do que sua posição não é fixa como a dos aspectuais.

Além de poder localizar o evento no tempo (através do emprego de advérbios), em Trumai pode-se também expressar o seu aspecto, isto é, as características da estrutura temporal interna do evento. Pode-se caracterizar um fato ou ação quanto à sua completude, sua realização em intervalos de tempo, etc. O fato pode ser caracterizado também quanto ao seu modo, indicando a intencionalidade de sua realização por parte do falante *14.

A categoria de aspecto em Trumai é morfológica, sendo expressa por morfemas que ocorrem sempre pospostos ao verbo. Interpretamos estes elementos como presos porque eles apresentam ordem fixa, ligam-se a uma única classe morfossintática; observa-se ainda que quando eles se ligam ao verbo, o clítico de 3ª p. **-n/-e** se desloca para depois deles; se eles não fossem formas presas ao verbo, provavelmente o clítico de 3ª p. continuaria em sua posição. Consideramos os sufixos de aspecto como flexionais, já que o seu emprego representa um processo morfológico regular (são sempre as mesmas formas empregadas) e não provoca mudança de classe do radical que o recebe.

Os sufixos que expressam aspecto/modo são os seguintes:

kma	"completude"
ik	"ação realizada antes de outra"
laktsi	"ação repetida em intervalos"
ka	"factivo"
tke	"volitivo"

- Ex: (115) jaw falomle-kma
gente plantar asp
 "A gente acabou de plantar"
- (116) wana xuʔtsa-ik
ordem ver asp
 "Primeiro olha"
- (117) jaw sone laktsi, jaw suta
gente beber asp gente urinar
 "Cada vez que a gente bebe, urina" (Bec - pp 211)
- (31) ha sone-tke ʔak
1ª beber asp neg
 "Eu não quero beber"
- (118) ha mut xerere-ka hai-ts
1ª roupa molhar fac 1ª-caus
 "Eu molhei a roupa (lit: Eu fiz a roupa ficar molhada)"
- (119) hai-ts [Ø] sa-ka-n
1ª-caus dançar-fac-3ª
 "Eu a fiz dançar"

a.2. POSPOSIÇÕES

Identificamos os elementos aqui tratados como posposições porque sempre ocorrem após o SN a que se ligam. Pode-se dizer que são formas presas porque em alguns casos surge uma vogal epentética. Por exemplo, com o locativo **-n**; este locativo diferencia-se do clítico de 3ª pessoa **-n** porque este último,

quando preso a raízes verbais terminadas em consoante, não apresenta vogal epentética, mas uma outra forma: **-e**; além disso, o locativo **-n** só se liga a SNs, ao passo que o clítico não.

Diferenciamos estes morfemas dos marcadores de caso com base na proposta de Schachter (1985): segundo ele, certas adposições (i.e, preposições ou posposições) não são identificadas como marcadores de caso, pois estes indicam o papel sintático e/ou semântico (p.ex. Sujeito e/ou Agente) do SN a que eles pertencem. Já as posposições indicam apenas o papel semântico do SN (não o gramatical); é o caso dos vários tipos de locativos, o instrumental, etc. *15

As posposições do Trumai são:

-ki	locativo	-n	locativo *16
-ita	direção	-lots	origem
-letsi	intrumental/meio	-tam	companhia
-iets	por causa	-tis/tsis	quando
-apudan	embaixo (apud "por baixo" + -(v)n "em")		
-malan	na beira de (provavelmente mala "beira" + -n)		

A seguir, exemplos:

(120) a. tehne-ne-ki j̄i-in ha-wan axa?tsi
terra -loc ? 1^a-pl sentar
 "Nós sentamos no chão"

(121) a. misu-n
 "na água"

b. esak-en ka-in ha tsula
rede-loc ? 1^a deitar
 "Eu estou deitado na rede"

(122) a.	Pavuru-ita	"em direção ao Pavuru"
	b. Kumaru dat-ita	"para a casa da Kumaru"
(123)	São Paulo-lots	"de São Paulo"
(124)	si-letsi	"com canoa"
(125)	ha atle-tam	"com minha mãe"
(126)	kiki-iets	"por causa do homem"
(127)	kawihu-tis	"quando chove"
(128)	misu-malan	"na beira do rio"

a.3.SUFIIXOS DERIVACIONAIS

Em Trumai, são possíveis dois tipos de derivação: exocêntrica - aquela onde ocorre mudança de classe - e endocêntrica - aquela em que não há alteração da classe da palavra que sofreu derivação, mas apenas de seu sentido. Os elementos que provocam derivação são sufixos, que são apresentados a seguir:

a) derivação exocêntrica:

-t	nominalizador
-k	relativizador
-kwaf	"a coisa para"

Ex:	(29-a) a.	ma	"comer"
		ma-t	"alimento"
		b. axaʔtsi	"sentar"
		axaʔtsi-t	"sentador"
	(129) a.	fatla-k	"o que é furado"
		b. maʔtsi-k	"o doente (lit: o que tem doença) "
	(130)	sone-kwaf	"copo (lit: a coisa para beber)"

b) derivação endocêntrica:

-sin	"o adorador de"
-ke	"abundancial"

Ex: (20-b) di-sin "o adorador de mulher"
(Bec - pp 180)

(131) kuʃ-ke "cabeludo"

a.4. SUFIXOS MARCADORES DE CASO

Os marcadores de caso, segundo Anderson (1985), indicam o papel sintático e semântico do SN a que se prendem. Como a marcação de caso será melhor tratada no capítulo sobre a sintaxe da língua, apresentaremos aqui apenas o quadro de marcadores, que se prendem a nomes ou a sintagmas nominais. No caso de sintagma, o marcador se prende ao seu último elemento. Ex:

(132) xuʔtsa-tke ʔak ka-in ha ʃi [ha ian ajajtke]-ki
ver vol neg ? 1ª ? 1ª foto feia -OI
 "Eu não quero ver minha foto feia"

Há um exemplo dado por Becquelin (pp 205) que nos pareceu muito interessante:

(133) aek trumai ami denemnak-es oko-k-etl
chefe falar plantaç -OI vigiar-rel-OI
 "Os Trumai chamam de chefe aquele que vigia as
 plantações".

Observa-se que, primeiramente, oko que é verbo passou a nome por causa do relativizador **-k**, podendo assim receber a marca de objeto **-tl**. Mas, se atentarmos melhor, vemos que **-tl** prende-se não a um nome, mas a todo um sintagma: "o que vigia a plantação":

[[denemnak-es oko]_{sv} + -k]_{sn} + -tl

Os marcadores de caso do Trumai são:

1.marcadores de objeto indireto:

a) objeto pronominal:

singular: **-tl**
 plural: **-ki**

Para os pronomes plurais de 1ª pessoa, a afixação do marcador de objeto indireto gera formas irregulares:

ha-a	+ ki	→	haana-ki	"1p dual-excl"
ka-a	+ ki	→	kaana-ki	"1p dual-incl"
ha-wan	+ ki	→	hawana-ki	"1p pl-excl"
ka-wan	+ ki	→	kawana-ki	"1p pl-incl"

b) objeto nominal:

humano: **-tl**
 não-humano: 1. verbos classe I : **-s/-es** ou **-ki**
 2. verbos classe II : **-tl/-etl** ou **-ki**

2.marcador de sujeito: **-k/-ek**

Igualmente ao que ocorre com o marcador de obj.indireto, a afixação do marcador de sujeito, para os pronomes plurais de 1ª

pessoa, gera formas irregulares:

ha-a	+ k	→	haanak	"1p dual-excl"
ka-a	+ k	→	kaanak	"1p dual-incl"
ha-wan	+ k	→	hawanak	"1p pl-excl"
ka-wan	+ k	→	kawanak	"1p pl-incl"

a.5. AFIXOS DE POSSE

A expressão de posse em Trumai pode se dar de diferentes formas: por meio de afixos e pelo emprego de pronomes livres ou de demonstrativos em construções genitivas; nestas, o possuidor precede o elemento possuído.

Os pronomes livres e os demonstrativos marcam a posse obrigatória com os termos designativos de parentesco e das partes do corpo. Ex:

- (134) a. ha **ao** "meu **pai**"
 b. ka?natl **atle** "mãe daquela"
- (135) a. ha **ifa** "meu **dente**"
 b. hi **ifa** "teu **dente**"
 c. hinatl **kuf** "**cabelo** dela"
 d. ka?natl **kuf** "**cabelo** daquela"

No caso da 3ª pessoa, pode-se tanto empregar o pronome ou demonstrativo (hine, etc), quanto os afixos, sendo que estes são

usados preferencialmente.

a.5.1. O sufixo **-kte/-kate**:

A expressão de posse com relação a objetos materiais em Trumai se dá por meio do acréscimo do sufixo **-kte/kate** ao SN possuidor, que é colocado anteposto ao SN possuído. As duas formas são possíveis, mas usa-se preferencialmente **kate** no caso de palavras terminadas em consoante (provavelmente por questões de estrutura silábica).

Este sufixo de posse pode também se ligar aos pronomes. Os pronomes singulares **ha, hi, hine** só admitem o emprego do sufixo **kte**; o pronome de 3ª p. fem **hinatl** só admite o uso de **kate**; aqui também deve estar envolvida a questão de estrutura da sílaba. Com as demais pessoas, ocorre o mesmo que com os nomes, isto é, o emprego das duas formas é possível. Ex:

- (136) a. hai-kte **han** / *hai-kate **han** "É meu"
 (lit: é **coisa** minha) *17
 b. hi-kte han / *hi-kate han "É teu"
 c. hine-kte han / *hine-kate han "É dele"
 d. hinatl-kate han / *hinatl-kte han "É dela"
 e. ha-wan-kte han / ha-wan-kate han "É nosso"
 f. Amati-kte han / Amati-kate han "É do Amati"
- (137) a. hai-kte **si** "minha **canoa**"
 b. axos-kate **esak** "**rede** do menino"
 c. karaju-kate **so** "fósforo (lit: **fogo** de branco)"

a.5.2. Os afixos de posse de 3ª pessoa:

A expressão de posse de terceira pessoa para termos de parentesco e de partes do corpo, além de realizada com o pronome **hine**, pode ser feita também por meio do prefixo **tsi-** "posse de termos de parentesco" e do sufixo **-ake** "posse de partes do corpo" (ou elementos ligado ao corpo, entre eles sombra, nome e roupa):

	hine	N	
tsi-	∅	N	
	∅	N	-ake

- Ex: (138) a. tsi-(a)tle "mãe dele"
 b. tsi-di "mulher dele"
- (139) a. hinatl kuj "cabelo dela"
 b. kuj-ake "cabelo dela"
 c. ∅ wan mut-ake "roupas deles"

b. **CLÍTICOS**

b.1. **O CLÍTICO PRONOMINAL -n/-e**

Trata-se de um morfema de terceira pessoa que pode se referir ao sujeito das orações intransitivas ou ao objeto das transitivas. Ele é empregado quando nestas funções ocorre um ∅ lexical, muito provavelmente porque o elemento que as ocupava foi elidido. Isto significa que **-n/-e** exerce um certo controle das funções acima citadas, ou mais precisamente, das funções sintáticas não marcadas.

Em orações com constituintes nucleares, o morfema **-n/-e** ocorre sempre preso ao verbo ou a um segundo verbo, se presente:

(140) [Ø]-ii lax kawa-n "Ele vai caçar"
mc.SN? caçar ir-3^a

Em orações mais expandidas, ele pode se prender a outros elementos, de preferência, ao último do enunciado, a menos que este já tenha recebido outro marcador (p. ex, se for um objeto indireto, marcado por **-s, -tl, -ki**). Ex:

(141) a. falty tak uan-e
vergonha neg pl-3^a
 "Eles não tem vergonha" (Bec - pp 193)

b. nyšyts, falty falty pat-e
agora ter vergonha pouco-3^a
 "Agora, eles têm um pouco de vergonha" (Bec - pp 193)

c. ala-ke ka-in j̄i-n "Ele pesca"
pescar-adj ? 3^a

Podemos interpretar **-n/-e** como um clítico por suas características. Segundo Zwicky (1977 ; 1985), nem sempre é possível distinguir claramente uma forma presa de uma livre, ou um afixo de um clítico, mas alguns traços básicos podem auxiliar nesta tarefa.

Basicamente, um clítico se distingue de uma forma livre pela sua distribuição: não ocorre em isolamento completo; tem ordem relativamente fixa; sua distribuição pode ser descrita por regras

simples. Ou seja, ela é muito menos flexível e complexa que a de uma forma livre.

As formas livres são independentes quanto ao acento, enquanto que os clíticos não carregam um acento independente, ficando fonologicamente subordinados a uma palavra vizinha. Os clíticos podem ainda sofrer regras de Sandhi interno (regras fonológicas aplicadas dentro de palavras) e ficar imunes a certos processos sintáticos, como a elisão ("partes próprias das palavras..."- como afixos e clíticos- "...não são deletadas sob identidade"; p.ex. em inglês diz-se "dancing and singing" , e não ***dance and singing** - Zwicky - 1977 - pp 3).

Um clítico diferencia-se de um afixo porque enquanto este ocorre sempre com uma mesma classe morfossintática, o clítico pode se associar com palavras de várias categorias morfossintáticas; ou seja, o clítico, mesmo não sendo uma forma livre, pode exibir alguma liberdade de ordem dentro da oração (se bem que esta liberdade é bem menor que a de uma forma livre, e é previsível).

O morfema **-n/-e** pode ser interpretado como um clítico por apresentar todas as características acima descritas: não possui acento; sofre processo fonológico de acordo com a palavra com a qual se combina (seleção de -n ou -e , em coerência com as estruturas silábicas da língua); apresenta imunidade à elisão: mesmo que ele se refira ao mesmo sujeito, ainda assim não é apagado.

P.ex:

- (142) [Ø]-ii tsula kawa-n jĩ de [Ø]-ii otl-e axak
 mc.SN? deitar ir-3^a ? já mc.SN? dormir-3^a para
 "Ele já foi deitar para dormir"

Isso tudo demonstra que **-n/-e** não é uma forma livre, mas presa. Embora tenda a ocorrer preso ao verbo, não é só a ele que pode se ligar, como se observa no exemplo (141); ou seja, **-n/-e** apresenta certa mobilidade de posição, podendo associar-se a palavras de mais de uma categoria morfossintática; portanto, não é um afixo.

Mas, mesmo tendo certa liberdade de posição, sua distribuição pode ser descrita por uma regra simples: ele ocupa preferencialmente a última posição da oração. Ele se liga com mais frequência ao verbo porque este tende também a ocorrer no final da oração: a ordem básica do Trumai para as orações transitivas é SOV (cf. sintaxe); para as intransitivas com dois constituintes nucleares, é quase sempre SV; e no caso dos verbos intransitivos estendidos, que podem apresentar um objeto indireto posposto a eles, o objeto está marcado; logo, **-n/-e** não se prende a ele. O mesmo ocorre com as transitivas, com relação ao sujeito, que pode deslocar-se para a posição final da oração, mas que também é marcado.

O clítico **-n/-e** só ocorre preso a outros elementos quando o verbo não ocupa a última posição da oração. É o caso das orações

(a), (b) e (c) do ex (141), onde ele se prende, respectivamente, ao pluralizador, a um advérbio (pat é aqui um advérbio porque modifica um verbo, faltĩ "ter vergonha"; este é um verbo porque aqui funciona como o predicado da oração) e ao morfema **ji**. Mas estes elementos, apesar da presença de **-n/-e**, não serão interpretados como verbos, porque há fatores sintáticos que levarão a identificar outro elemento como o verbo da oração onde eles ocorrem; além disso, **ji** e **wan** não pertencem às classes abertas e sua classificação é sempre a mesma, já que suas funções são mais específicas.

Por outro lado, observa-se que **-n/-e** pode prender-se a outros elementos que não o verbo da oração, mas nunca ao nome que é o objeto ou sujeito da oração. Ou seja, quando se trata das formas das classes abertas, **-n/-e** prende-se somente à raiz que na oração funciona como verbo (ou como advérbio, porque ele não corre o risco de ser interpretado como o predicado da oração), mas não à raiz (ou raízes) que funciona(m) como nome(s). Isso permite que este(s) último(s) seja(m) interpretado(s) como o sujeito ou objeto da oração.

b.2. OS CLÍTICOS PLURALIZADORES

O Trumai apresenta alguns morfemas para a categoria de número. Eles se opõem a \emptyset , que é a marca de singular. As formas pluralizadoras são:

O único destes morfemas que parece ser realmente um sufixo é **-pa**; já os demais, acreditamos que não o sejam. Mas, por outro lado, considerá-los formas livres não é possível, dadas as suas características.

O mais provável é que eles sejam clíticos, pelos traços que apresentam (sobre clíticos, temos por orientação teórica Zwicky - 1977; 1985): apresentam comportamento semelhante aos dos elementos presos; sua distribuição pode ser descrita por regras simples; parecem estar imunes a certos processos sintáticos, como a elisão. Daí a existência da construção [\emptyset **wan/a**]: a palavra livre que era núcleo do sintagma não aparece, por ter sido elidida, mas **wan/a** permanece, porque não é uma forma livre, sendo apenas uma parte da construção; porém não é um afixo, porque se estivesse formando uma unidade com a palavra com a qual se combinou, teria sido também elidido. Assim, nossa conclusão é de que **a**, **wan** e **paine** são clíticos; já o morfema **-pa** é um afixo, e, muito provavelmente, é uma redução de **paine**, que de clítico deve estar evoluindo para afixo.

UM PROBLEMA DE ANÁLISE : O MORFEMA ii

Este morfema realiza-se foneticamente como [iji]. Porém, há momentos em que ele ocorre como [ii]; é o caso da fala mais lenta. Ex:

(145)a. ['pat' juma'nɛ ka'in i'ji] "Tem (há) muito pouco"

b. ['pat' juma'nɛ ka'in ii]

(146)a. [a?'dɨ kʔa'tɛ i'ji] "Tem (há) muito peixe"

b. [a?'dɨ kʔa'tɛ i'i]

É de se pensar, então, que o que se tem aqui é a ocorrência de J sendo introduzido para quebrar a sequência vocálica; talvez seja ainda um caso de espalhamento de palatalização. Outra hipótese é a de que o morfema é **i**, e **ii** ocorre porque ele é empregado duas vezes (o Trumai tem vários casos de duplicação de morfemas). Fonologicamente, consideraremos este morfema como /ii/.

Este morfema é muito usado. Ocorre com muita frequência quando se trata de 3ª pessoa:

(148) tsi-di ii ka-in "Ela é mulher dele"
 poss-mulh ?

(89) hanis de hi jĩ ? "Aonde você vai?"

onde já 2ª ?

(149) hanis de ii ? "Aonde ele vai?"

onde já

Como analisá-lo? Primeiramente, tentamos observar as construções sintáticas existentes no Trumai. Constatou-se que existem os seguintes tipos de construção:

Pron	V
Nome	V
Demonst	V

No caso da terceira pessoa, além da construção Pron + V, há ainda as construções envolvendo o clítico **-n/-e**, que é um morfema de 3ª pessoa e que não ocorre com nomes ou pronomes, exceto em casos de topicalização:

	V + -n/-e	
ii/i	V + -n/-e	(i pode ser empregado, mas a ocorrência de ii é bem mais frequente)
wan	V + -n/-e	

Ex: (150) a. ma-n "Ele come"
 b. ii ma-n "Ele come"
 c. wan ma-n "Eles comem"
 d. i make-n ka-in "Ele está mordendo"
 e. hinatl, ii faltĩ-n
 "Ela (indicando), ela está com vergonha"

- f. * hine ma-n
 * axos ma-n
 * ha ma-n

Inicialmente, pensou-se que **i/ii** fosse um expletivo, como o *it* do inglês. Isso poderia ser pensado diante dos dados:

- (151) a. ii xuxla-n "Está chovendo"
 b. tsixu?tsa ka-in ii "Está frio"

Mas depois constatou-se que não é, porque além das construções já citadas, existem ainda as seguintes construções:

Pron. 3p	i/ii	V
Nome	i/ii	V
Demonstr.	i/ii	V *13

Ex: (152)

- a. hine i peʃ ka-in "Ele está correndo"
 b. hinatl ii falti "Ela tem vergonha"
 c. piʃtik i wapta ka-in "O macaco caiu"
 d. kiki ii axa?tsi "O homem sentou"
 e. ka?natl i ami kain "Aquele está falando"
 f. ka?ne ii wapta "Ele (aquele) caiu".

Pensou-se, então, que **i/ii** fosse uma marca de concordância do verbo com o sujeito de 3 p. ou suj. nominal (com 1^a e 2^a pessoas ele nunca aparece). Mas foi observado que **i/ii** não é preso ao verbo:

(153) ha difle i ukan juda-ke atsaek-es
1ª irmã ainda fazer-nom? pereb-OI
 "Minha irmã está fazendo perereba"

(154) tsixu?tsa jumane ka-in misu i
frio muito ? água
 "A água está muito fria"

(155) pítik i ka-in jetsi-ke
macaco descer-nom?
 "O macaco está descendo"

(156) hamuna in ia i ?
onde ? cuia
 "Onde está a cuia"

(63) ni?de tlep i ka-in pix-ṭak
este pena ? pequena
 "Esta pena é pequena"

(157) ole-s fi-in di i
mand-OI ? mulher
 "A mulher está (pegando) mandioca"

Por fim, constatou-se que **i/ii** aparece também junto com objeto indireto nominal ou pronominal de 3ª p, entre este e o marcador de caso, e também com o objeto direto (nominal ou pronominal de 3ª p):

(158) ha xu?tsa asi-ii-ki
1ª ver estrela OI
 "Eu vi estrelas"

- (159) ha it̃i ka-in fede-i-ki
1ª medo ? onça OI
 "Eu tenho medo de onça"
- (160) ha fa ka-in kasoro-i-ki
1ª bater ? cão OI
 "Eu bato no cachorro"
- (161) pit̃ik i disi ka-in hine-k
macaco bater ? 3ª-erg
 "Ele bateu no macaco"

Nota-se, pois, que esse elemento está ocorrendo depois de SN de 3ª p. (sg-pl), de SN nominal e também de SN com demonstrativo. Nestes casos, ele parece ser opcional, ora havendo sua ocorrência, ora não.

O morfema **i/ii** ocorre também nos casos em que na posição do SN ocorre um \emptyset lexical; ou seja, a posição prevista para o SN ocorrer não está lexicalmente preenchida (provavelmente devido a elisão do SN), mas ainda assim **i/ii** ocorre depois dela. Aliás, nestes casos, **i/ii** quase sempre é empregado.

A seguir, exemplos da opcionalidade de emprego de **i/ii** após SNs lexicalmente ocupados:

- (162) a. fe?de i peʃ
 b. fe?de peʃ
onça correr
 "A onça correu"

- (163) a. hinatl ii falti
 b. hinatl falti
 3^a vergonha
 "Ela está com vergonha"

- (164) a. kaʔnatl i ami ka-in
 b. kaʔnatl ami ka-in
 aquela falar ?
 "Ela (aquela) está falando"

A questão é determinar o que é este morfema. Ele não pode ser identificado como marcador de caso, pois se assim fosse, nas ocorrências com sujeito ou objeto marcados haveria dois marcadores no mesmo SN:

- (165) asi-i-ki
 estrela OI

- (166) hi disi a ʃi hine-i-k ?
 2^a matar inter ? 3^a erg
 "Ele bateu em você?"

Ou então, sujeito e objeto com a mesma marca:

- (167) axos-i ka-in dama-ke pitik asix-i-ki
 cr ? puxar-nom? mac rabo OI
 "O menino puxou o rabo do macaco"

(101) han-ii-ki in [Ø]-ii xup-e
que OI ? saber-3^a
 "O que é que ele sabe?"

Como se observa nos dados apresentados, este elemento ocorre sempre depois de SN, esteja este SN em função de sujeito (marcada ou não) ou de objeto (direto ou indireto). Só não é encontrado ocorrendo com SN posposicionais.

Talvez o morfema **i/ii** ocorra para indicar a existência de uma posição de SN, ainda que nesta posição haja um Ø lexical (a posição não está preenchida porque há um Ø ; mas ela, de alguma forma, é preservada). Pode ser também que **i/ii** ocorra para indicar que o elemento que vem antes dele funciona sintaticamente como um SN. Ex:.

(168)

Sapuja i ʃi waimi-ke hai-tl [Aria xuma tsu]-ii-ki
Sapuja ? contar-nom 1^a-OI Aria banhar ir ao rio OI
 "A Sapuja me disse que a Aria foi banhar"

Constata-se ainda que a presença de **i/ii** é obrigatória em alguns casos, em outros não. Essa obrigatoriedade ocorre justamente nos casos em que há um Ø lexical (cf. sintaxe). Isto nos leva a pensar que a função deste morfema possa ser a de controlar o funcionamento dos SNs.

Dada a sua posição fixa, ele pode ser considerado uma forma presa, muito provavelmente um afixo, já que ele se liga sempre a uma mesma categoria sintática e, em alguns casos, ocorre entre o SN e outro afixo (ex: asi-i-ki): como já se disse anteriormente, nenhuma operação sintática (como a realizada por afixos de caso) pode seguir operações clíticas. O marcador de objeto indireto -ki é um afixo; se ele é afixado ao SN depois que i/ii foi empregado, é porque este último não é um clítico, mas também um afixo. Mas, de qualquer forma, ele requer ainda maiores análises.

NOTAS

*1. Os nomes recebem morfemas flexionais de número e caso, e podem também sofrer derivação; os verbos recebem morfemas flexionais de aspecto e também morfemas de derivação. Além de flexão e derivação, há ainda em Trumai o processo morfológico de reduplicação: alguns morfemas podem ser reduplicados, para expressar ênfase. Ex:

- (169) a. ukan ukan "ainda" (ukan - adv)
 b. make make "morder mastigando" (make "morder")

*2. As terminologias "intransitivo estendido" e "transitivo estendido" não são muito conhecidas, mas são empregadas por

Talvez **anuk** seja mesmo preso, pois há um outro morfema (**nik**) que apresenta comportamento de forma presa e que também nega nomes, no sentido de sua não existência:

(174) a. jaw	"Alguém"
b. jaw-nik	"Ninguém"
c. misu-nik	"Não tem (há) água"
d. tʔaak-nik	"Não tem beiju"

Como, infelizmente, temos poucos dados com estes dois morfemas, preferimos ainda não apresentar uma conclusão definitiva sobre eles, deixando para abordá-los em um estudo futuro sobre a negação em Trumai.

*7. Certos falantes, por vezes, dizem **haʔ** (ex: [haʔ kuta] "minha cabeça"), mas a forma mais usada é aquela sem a glotal.

*8. "...(hine) um ancien personnel de troisième personne, qui n'est plus employé, à de très rares exceptions..." (Monod-Becquelin - 1975 - pp 176).

*9. Como em outras culturas xinguanas, entre os Trumai as relações de evitação entre parentes afins (cunhado(a), sogro(a) e genro(nora) manifestam-se pela proibição em pronunciar os seus nomes (Galvão, E. - Cultura e sistema de parentesco nas tribos do Alto Xingu - 1953).

*10. Infelizmente, temos poucos dados com a partícula de dual **a**, não tendo sido possível verificar se o morfema **ii** ocorre também com ela, como se dá com **wan**.

*11. "Il (o sufixo verbal **-n**, "ausência de monema em função sujeito") s'agit, bien entendu, du point de vue grammatical: (absence d'une "forme" de sujet) et non du point de vue sémantique: cette marque n'est pas équivalente à un indéfini du français" (Monod-Becquelin - 1975 - pp 175).

*12. Infelizmente, em nossos dados, não foram encontrados demonstrativos combinados com o morfema de dual (p.ex, "aqueles dois"), mas pode ser que isto ocorra, semelhantemente ao que se dá com os pronomes. Este fato deverá ser investigado.

*13. Uma outra interpretação foi postulada para a ocorrência dos demonstrativos em função sujeito: pensou-se que poderia estar ocorrendo uma elisão do nome, tendo em seu lugar um \emptyset , como na construção [\emptyset wan]; ou seja, [demonstr \emptyset]. Porém, acreditamos que não seja este o caso, pois a construção [\emptyset wan] só se dá porque o núcleo do sujeito foi elidido, mas o clítico pronominal recupera-o (o clítico exerceria um certo controle da função de sujeito).

Os pronomes podem funcionar como núcleo do SN; quando eles ocorrem como sujeito, **-n/-e** não é empregado, justamente porque o

núcleo do SN não foi elidido. Os demonstrativos, como os pronomes, são incompatíveis com **-n/-e**. Isso nos leva a crer, então, que não deve estar ocorrendo elisão do nome, sendo o demonstrativo o núcleo do sujeito.

*14. O modo imperativo não foi abordado aqui, porque ele é realizado através do emprego de dois morfemas, wana (para verbos intransitivos) e waki (para verbos transitivos), colocados antepostos ao verbo. Não sabemos ainda se estes morfemas são presos ou livres; supomos que sejam partículas, mas isso necessita ser melhor analisado. Os morfemas de imperativo serão tratados mais detalhadamente no capítulo 3, relacionando seu emprego com os fatos sintáticos encontrados.

*15. "Case markers are words that indicate the syntactic and/or semantic role (e.g. subject and/or agent) of the noun phrase to which they belong.

...There are certain adpositions that are clearly not discourse markers, but that are not ordinarily identified as case markers: for example... the words indicating various locative relations in the following examples from English... :

(99) It's on/under/beside the table "

(Schachter - 1985 - pp 35/36)

*16. **-ki** e **-n** podem alternar-se. **-ki** parece ser o locativo mais geral; **-n** implica mais em um locativo puntual, indicando um determinado lugar.

*17. Em termos silábicos, estas construções organizam-se da seguinte maneira:

[ha.ik.'tɛ]

[hik.'tɛ]

[hi.nɛk.'tɛ]

[ha.wãnk.'tɛ]

*18. Depois do pronome **hinatl** e dos demonstrativos **ka?natl** e **ka?nakwan**, foneticamente não ocorre propriamente i. A impressão que se tem é que ocorre ki (depois de hinatl e ka?natl) e di (depois de **ka?nakwan**). Pode ser um caso de influência da consoante anterior (t,n), o que estaria gerando [ki]/[di]-[dji], ao invés de [ji], que é o que geralmente aparece. Isto é, pode ser que seja uma alomorfia causada por fatores fonéticos. Assim, consideraremos o morfema como sendo i/ii, tendo essas variantes posicionais.